

« No dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele.»
(Eclesiastes 7:14)

Eclesi' Astes

Boletim Trimestral
Vocacionado para a Doutrina
e Devoção Espiritual
Responsabilidade
Igreja em Oleiros
É gratuito
Número 27. 7-9/2003

Palavras do Pregador... (Eclesiastes 1:1)

Construindo Uma Casa

Imaginemo-nos com a incumbência de construir uma casa. Desde logo, há determinados requisitos que devemos procurar ver esclarecidos, e para os quais importa colocar as seguintes questões: Por onde começar? Que passos dar? Quais as entidades que devemos consultar? Que normas seguir? Que parceiros devemos arranjar para este trabalho? Que previsão orçamental devemos ter?

Estas são algumas das questões – por certo as mais importantes – que devemos fazer antes de começarmos este trabalho de construção. Poderíamos, desde já, aplicar aqui as palavras do Senhor Jesus Cristo quando disse:

«Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar?» (Lucas 14:28)

Continua, Página 9

Editorial

Agradecemos a Deus pelo curto trajecto que temos experimentado nos poucos anos deste ministério. A boa consciência que o Senhor nos tem dado dá testemunho da utilidade deste serviço, sabendo nós do bom contributo que temos prestado para o crescimento e fortalecimento da fé dos santos de Deus.

Nada de extraordinário. Somente algum trabalho. Nada de grandes provas, de grandes testemunhos, como muitos dão de outros projectos. Somos pequenos, não ambicionamos coisas altas; simplesmente pretendemos manter-nos firmes e fiéis.

Continua, Página 2

Neste Número:

Página do Editorial: O Dia da Adversidade, 2;
Página das Generalidades, 4:
- Ilustrações: O Anel Perdido, 4;
- Tópicos Para Meditação: “Chamada...”, 4;
- Reportagem: “Religião”, 5;
- Para Meditar: “Serviço e Jejum”, 7;
Página Devocional, 8:
- Sermões Breves: “Para a Família”, 8;

Neste Número:

- Devocional: “Construindo uma Casa”, 9;
Página Literária: “Nada Interessa”, 12;
Página Feminina: “Mulheres Mestras”, 13;
Página Científica: “Deus Estranhos”, 15;
Página Doutrinária, 18:
- O Grande Mistério: “A Vocação da Igreja”, 18.

Editorial

Eclesiastes...

“Eu, o pregador...”

(Eclesiastes 1:12)



“O Dia da Adversidade...”

«No dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele.» (Eclesiastes 7:14)

Agradecemos a Deus pelo curto trajecto que temos experimentado nos poucos anos deste ministério. A boa consciência que o Senhor nos tem dado dá testemunho da utilidade deste serviço, sabendo nós do bom contributo que temos prestado para o crescimento e fortalecimento da fé dos santos de Deus.

Nada de extraordinário. Somente algum trabalho. Nada de grandes provas, de grandes testemunhos, como muitos dão de outros projectos. Somos pequenos, não ambicionamos coisas altas; simplesmente pretendemos manter-nos firmes e fiéis.

É um trabalho simples, quase despercebido. Só ambicionamos que o Espírito Santo nos guie em toda a verdade e, com o que estiver ao nosso alcance, ajudar outros, que amam a Deus, a conhecer a verdade e a viver para Deus na verdade, já que essa é a única forma de viver para Ele.

Mas já tivemos algumas experiências interessantes, que desejamos partilhar com o leitor fiel... fiel ao Senhor, primeiramente, e fiel à leitura de “Eclesi' Astes”.

Primeiramente o carácter da “Revista”. Os temas são controversos, a linguagem, por vezes, um pouco agressiva, os argumentos bíblicamente fundamentados, livres da influência de quaisquer correntes doutrinárias pré-concebidas, livres de quaisquer compromissos ou comprometimentos... e assim nos temos pautado. No entanto, isso tem levantado muita contestação, desde telefonemas aos anciãos da “Igreja” em Oleiros, tentando criar alguma instabilidade com o “editor”, revistas devolvidas pelo correio, outras colocadas na caixa do correio do “Salão de Cultos”, conversas de bastidores, recusa de personalidades na cooperação e da identificação com a “Revista”, de pessoas que tem responsabilidade na Obra de Deus... E muitas outras peripécias! Só lamentamos que as contestações que têm

vido feitas seja na base de opiniões pessoais e nunca com fundamento na Escritura Sagrada, o que é sintoma que estamos no bom caminho.

Relativamente ao arranque deste projecto, também podemos lembrar de alguns episódios. Uns porque consideravam que há revistas a mais; outros porque “ia colidir com áreas já preenchidas nas igrejas”; outro, porque, a fazer-se alguma coisa, ela devia ser de qualidade, quanto ao “material e à apresentação”, etc. E, segundo esse entendimento, o projecto não deveria avançar.

No entanto, no meio destas vozes dissonantes, temos recebido algumas palavras de conforto e de estímulo, que consideramos vir de Deus, já que vêm de homens de Deus, com reputação indiscutível, idóneos, responsáveis. Para nós, uma palavra destas vale mais que milhões das demais. Mas, esperamos que, mesmo assim, as “nossas palavras” ajudem a todos *a ter o mesmo sentimento, a mesma consolação, o mesmo amor, o mesmo ânimo e o mesmo pensamento de Cristo* (Filipenses 2:2).

No tocante ao conteúdo, reconhecemos que “Eclesi' Astes” não é para todos. Por um lado, porque nem todos a querem receber; por outro lado, porque muitos que não entendem os seus conteúdos não estão interessados a entender. Não pretendemos ter um periódico de notícias, de entretenimento, de passatempos, de pareceres, mas de investigação da Palavra de Deus e ser uma “voz” da parte de Deus; pretendemos um magazine das verdades

divinas fruto de muita reflexão e dependência de Deus.

Por isso, “Eclesi' Astes” é um jornal para quem ama a Deus e quer aprender da Palavra de Deus e conhecer mais de Deus, porque ela não é mais do que aquilo que Deus nos tem ensinado e tem ensinado a outros que cooperam connosco neste serviço.

Apelo ao leitor:

Sabemos que as verdades da Palavra de Deus para o tempo presente – a Dispensação da Graça – a verdade do “Mistério da Igreja, o Corpo de Cristo”, têm pontos difíceis de entender. Pedro disse-o (II Pedro 3:14-15). Paulo reconheceu a dificuldade de falar dele e de o fazer entender, não só pela sua sumptuosidade, como pelos obstáculos espirituais (Efésios 6:10-20), e, por isso, pediu as suas orações, muitas vezes. E os crentes de Bereia deixaram-nos o exemplo de como ultrapassar essas dificuldades:

«Ora, estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim.» (Actos 17:11).

Para isso, é preciso muito sentido de humildade, de fraqueza humana, e de muita dependência do Espírito de Deus, pois só Ele é que nos poderá fazer entender a verdade. Não podemos entender a escritura com conceitos pré-definidos, ou para defendermos aquilo que pensamos. Mas, quando lemos a Escritura Sagrada devemos ter consciência que é DEUS quem fala.

Não desistas de procurar conhecer mais de Deus.

ILUSTRAÇÃO

O Anel Perdido

Uma senhora de apelido Milton, perdeu uma vez, um anel de muito valor. Desapareceu misteriosamente uma noite do seu toucador, apesar de ela não ter saído do quarto, e dos seus outros dois anéis estarem no mesmo lugar. Ela tinha a certeza de ter tirado os seus anéis dos dedos e os ter colocado numa bandejinha, como costumava fazer. De manhã, o seu relógio, o broche e os dois anéis estavam onde os tinha colocado, mas faltava o terceiro anel. Na mesma bandeja estava um pequeno pacote de farinha de aveia, porque tinham aconselhado a D. Milton a usar aquela farinha numa pequena inflamação que tinha na cara.

Todos em casa procuraram o anel, mas sem sucesso.

Três anos mais tarde, aquela família decidiu fazer algumas obras na casa. Num dos soalhos levantaram as madeiras para reparar e encontraram o esqueleto de um ratinho, com o dito anel de diamantes à roda do pescoço.

Reflectindo no sucedido, aquela família presumiu que o ratinho foi em busca da aveia que se encontrava na bandeja e terá enfiado a cabeça no anel, não o conseguindo tirar. Como o anel era liso, não causou embaraço ao princípio. No entanto, crescendo o ratinho, o anel o terá estrangulado. Pela forma como o ratinho se apresentava, deduzia-se isso; e que, o anel teria sido trazido por ele durante muito tempo.

Este acontecimento insólito, é sugestivo de uma importante lição. O pecado é algo que podemos carregar, e de início pode parecer

que não nos causa qualquer problema. No entanto, com o decurso do tempo, ele começa a esfixiar-nos e acaba por nos eliminar.

“Aparta-te do mal” (I Pedro 3:11).

TÓPICOS PARA MEDITAÇÃO

A Chamada de Deus

«Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.» (I Coríntios 1:9)

Chamada pelo Evangelho, para a Salvação – I Tessalonissenses 2:12;

«Exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória.»

Chamada pelo Evangelho para a Santificação – I Tessalonissenses 4:7:

«Porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação.»

Chamada pelo Evangelho para a Glória – II Tessalonissenses 2:14:

«Para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.»

«Fiel é o que vos chama, o qual também o fará.» (I Tessalonissenses 5:24)

REPORTAGEM

Religião?

Já viram um cristão a discutir futebol?

Pois é! E não são poucos!

Não estou a perguntar se gostam de desporto. Não temos qualquer instrução bíblica que o condene.

É muito fácil um crente envolver-se emocionalmente com um clube desportivo e discutir os eventos como nunca o fez com os temas de Deus!

O que marca a diferença numa discussão, sendo ela religiosa, política, cultural, social, desportiva ou de outra qualquer ordem?

Todos falam muito inflamados das suas posições; todos são capazes de guerrear pelos seus pontos de vista; todos são capazes de ir até às últimas consequências para ver de vencida a sua orientação. Já vi políticos presos e mortos pelos seus ideais; já vi religiosos darem a vida pelos seus propósitos; Já vi adeptos a guerrearem e a morrerem pelas suas equipas! E o que marca a diferença entre si?

Nada! É a própria natureza humana. A natureza humana, em si mesma, é fanática e extremista.

A questão que se coloca é esta: No meio deste panorama, qual pode ser a atitude de um crente?

Levantamos esta questão porque observamos, periodicamente, alguns ministros da Palavra de Deus que, depois de uma palestra, discutem com a mesma determinação um jogo desportivo, um evento político ou social, como se de Deus tratasse. E, isso leva-me a perguntar: qual foi o fervor que o conduziu a falar da Palavra de Deus? Que espírito o conduziu a discutir e a defender um clube desportivo?

Temos conhecimento, ainda, de alguns desentendimentos entre “cristãos” por causa de um local de cultos, por causa de instalações para acampamentos, por causa de “obras sociais”, com formas e métodos que só no inferno se assistirá! Falsificação de documentos, rixas, insultos, cisões, etc. Verdadeiramente calamitoso! E pergunto: que espírito orientou esses crentes a tais comportamentos? Provavelmente o mesmo espírito que sempre conduziu as suas vidas! Porque, o comportamento do Espírito Santo rege-se por um modelo totalmente diferente: é o modelo do comportamento de Deus na presente Dispensação da

Graça, que um dia teremos oportunidade de desenvolver em sede própria; queira o Senhor.

A realidade é que o crente pode ser religioso e estar na igreja de uma forma religiosa, que é o mesmo que seguir o Senhor de maneira formal e sem sentido; pode discutir os temas bíblicos como discute um jogo de futebol; pode fazer sacrifícios e esforços como qualquer religioso, político ou adepto e, mesmo assim, isso não ter qualquer significado para Deus. O limiar entre a vida espiritual – guiada pelo Espírito do Senhor – e uma vida religiosa é tão minúsculo que é quase indefensável. Só mesmo o Senhor o diferenciara, e o fará no Tribunal de Cristo.

No tempo de Paulo havia alguns que pregavam “por contença: por inveja e porfia”, ou seja, para que os outros vissem e valorizarem o seu trabalho, e não porque andassem na dependência do Senhor (Filipenses 1: 15-18); outros, ainda, davam dinheiro para obterem dons espirituais (Actos 8); outros seguiam o Senhor pela comida, para serem curados e por outros motivos; Paulo e Pedro falam de alguns que andavam no Evangelho para proveito próprio!

Temo que muitos que dizem seguir o Senhor o façam só por capricho religioso e não pelo

ímpeto do Espírito Santo. Podemos juntar-nos em comunhão com os outros crentes sem termos qualquer desejo de estar com o Senhor, mas só porque é domingo; podemos discutir um tema bíblico porque é o nosso ponto de vista, e nada temos de espiritual nisso; podemos contribuir com os nossos bens sem que sejamos movidos pela graça de Deus; podemos defender uma causa “evangélica” sem que nisso haja qualquer conteúdo espiritual. Repetimos: “andar segundo a vocação com que fomos chamados”, segundo o qual o Espírito de Deus nos guia, tem uma forma de estar no mundo muito diferente.

Não é nossa pretensão julgar. Pretendemos alertar o estimado leitor para uma realidade que tem esbarrado connosco todos os dias, e tem sido tratada com benevolência e permissividade. Pretendemos, também, despertar-nos a nós mesmos com estas palavras, que as buscamos em Deus, examinando-nos a nós e ao nosso trabalho, para sermos achados n’ Ele irrepreensíveis, no dia do Senhor Jesus Cristo.

A graça do Senhor esteja com todos nós.



Para Meditar...

Servir e Jejuar

«Na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé, e Simeão, chamado Níger, e Lúcio, Cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.» (Actos. 13:1-2)

Lá vai o tempo em que os assuntos que envolviam a obra de Deus deixavam os responsáveis sem apetite e sem sono. Hoje marcam-se almoços e jantares, convívios, patuscadas, passeios, *comes e bebes*, para, entretanto, tratar-se os assuntos da Obra de Deus. É neste ambiente social que alguns anciãos e crentes que têm responsabilidade nas igrejas se reúnem para tratarem os assuntos espirituais.

Que diferença! Que meios, motivos, que forma é esta de estar na Obra de Deus? O que se pode esperar de uma reunião destas? Que resultados se pode esperar de uma obra que nasça desta maneira?

Não estamos a dizer que está errado os crentes se juntarem para comer... se for encarado como uma necessidade! Nem estamos a dizer que

devam jejuar, ou que o jejum tem qualquer virtude especial que leve Deus a operar. Estamos a apelar para duas formas diferentes de estar na Obra de Deus: duas mentalidades, dois comportamentos, duas visões opostas: uma na perspectiva do corpo cheio e espírito vazio; a outra, de corpo vazio e espírito cheio; na primeira as decisões são tomadas em função da satisfação do repasto; na segunda espera-se a voz do Espírito Santo, pois os crentes se reúnem conscientes da sua fraqueza humana e, tudo o que resultar daí é pela provisão do Espírito Santo. Este era o espírito que dominava nas reuniões dos primeiros crentes.

E, servindo eles ao Senhor e jejuando, o Espírito Santo falou...

«Ele, porém, disse: Não comerei, até que tenha dito as minhas palavras.» (Génesis 24:13)

«Do preceito de seus lábios nunca me aparte e as palavras da sua boca prezei mais do que o meu alimento.» (Job 23:12).



Para Pensar...

«Torre forte é o Nome do Senhor; para ela correrá o justo, e estará em alto retiro» - Provérbios 18:10

Sermões Breves

Para a Família...

Homens... que amam!

«Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor.» (Efésios 5:22)

«Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela...» (Idem, v. 25).

Um casal, dois tipos de responsabilidades, dois tipos de atitudes! Coloca-se a questão de saber qual é a atitude mais difícil! Qual é a atitude que exige mais do/da indivíduo/a!

É mais fácil estar sujeito ou amar?

Eu posso sujeitar-me sem amar; mas não posso amar sem me sujeitar! E Cristo – como modelo – amou até se sujeitar à morte!

Num lar o casal não pode estar a comparar-se com o seu cônjuge. Cada um é diferente, mas é nessa diferença que o lar atinge a plenitude do seu propósito. Deve, sim, cada um cumprir fielmente a vocação que assumiu diante de Deus e dos homens... que começa na sujeição e mover-se com o amor!

“Mulheres, que se sujeitam...”

Este texto tem sido algo incompreendido e usado abusivamente por pessoas que não crêem em Deus, usando-o como de Deus!

O texto diz: “mulheres, sujeitai-vos...”, e não: “homens, sujeitai as vossas mulheres!” Vêm-se maridos a exigir determinados comportamentos das suas mulheres quando, eles mesmos, se recusam a ter os comportamentos que a Bíblia os

recomenda a ter. Esse comportamento assenta no amor e não na exigência. O homem está incumbido a amar a sua mulher.

Houvesse este *espírito*... ou seja, o Espírito de Cristo a governar os lares e o testemunho, as igrejas e os crentes melhorariam substancialmente.

Pais que educam...

«E nunca seu pai (Davi, de Absalão) o tinha contrariado em nada...» (I Reis 1:6).

Que desastre!

A educação e a administração da educação hoje é um grande problema! Na nossa sociedade, caminha-se para um abismo na educação. Tudo está errado e nada se sabe do que se deve fazer. Hoje é quase crime repreender os filhos.

Os pais, porque estão atarefados com um dia de trabalho – porque ambos os pais trabalham – quando chegam a casa, exaustos, para não aturarem os filhos, dão-lhes o que eles querem e fazem o que eles pedem, sem ponderar na gravidade das situações. Os filhos, hoje, reclamam, repreendem, discutem e agridem os pais!

O discípulo virou-se contra o seu mestre; o educando contra o seu educador; o filho contra o seu pai! Que terrível! Isto aconteceu com Davi, e não fora a graça de Deus e ele pagaria com a sua própria vida!

Esta é a sociedade que temos; mas o ensino que o Senhor nos deixou é outro. Que os pais crentes busquem sabedoria e a graça em Deus para saberem educar os filhos na disciplina e no temor do Senhor.

«Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.» (Provérbios 22:6)

Devocional



Construindo Uma Casa

A sociedade moderna tem normas rigorosas que visam regular a constituição e o desenvolvimento urbano das suas zonas habitacionais. Hoje, tudo obedece a orientações perfeitamente definidas de forma que haja um desenvolvimento harmonioso das edificações ao nível da funcionalidade, do bem-estar e do ambiente.

Quando a construção surge desordenada todos ficam a perder. Por isso é que, actualmente, todo o plano de ordenamento habitacional assenta em regras que são definidas para vários anos, prevendo as situações actuais e salvaguardando os projectos futuros.

Em Portugal, como se presume noutros países em desenvolvimento, existem vários patamares legais que devem ser respeitados, quando se pensa em fazer qualquer construção:

- O Plano de Desenvolvimento Regional;
- PDM – Plano Director Municipal;
- PPM – Plano de Pormenor Municipal;
- Normas Gerais de Construção e Edificação;
- Regulamento Municipal para as edificações.

Assim, quando se fala em iniciar uma construção há necessidade de respeitar todos estes requisitos legais, que podem ter outras designações.

Primeiramente, é necessário saber no Plano Director Municipal (PDM) se o solo onde se pretende construir está inserido em área construtível, e qual o tipo de edificação que é possível fazer-se, ou seja, se no âmbito do PDM o solo em causa está numa área de edificação, e

não numa zona de reserva agrícola, florestal ou ecológica a preservar.

Depois, dentro do previsto no PDM, é importante saber se a área edificável em causa está contemplada por um Plano de Pormenor, pois, se assim acontecer, terão de ser respeitados determinados pormenores da edificabilidade.

Tudo isto, são condições legais que o construtor tem de respeitar para levar avante a sua obra, sob pena dela nunca ser reconhecida legalmente e, a todo o tempo, sujeita a demolição.

Quando entramos na fase da elaboração dos projectos, os projectistas – arquitectos ou engenheiros – têm de respeitar as normas gerais e as municipais de edificação, senão, os seus projectos estão sujeitos a ser “chumbados”, e nunca será possível o seu licenciamento – nem para a construção, nem para a sua utilização. E, toda a construção que não respeite tais normas legais será considerada “construção clandestina”.

Passando para a fase da construção: A realização da construção está sujeita aos desenhos do seu projectista, designados por plantas de arquitectura e das especialidades. Aquilo que o arquitecto e/ou o seu gabinete desenhou tem de ser rigorosamente respeitado. Mas, mesmo assim, muitos são os construtores que não respeitam o que está projectado, e constroem algo diferente – por vezes ligeiramente diferente, outras, muito diferente, – e à revelia do seu autor e do dono da obra. No entanto, alguns arquitectos são intransigentes na execução dos seus projectos, não permitindo qualquer desvio do traçado, sob pena de embargar a obra, ou de mandar demolir tudo o que não estiver na sua conformidade, e ao pagamento de pesadas indemnizações, ao abrigo do regime dos “direitos de autor”. E, isto aplica-se aos desenhos, aos materiais, às medições, etc.

A fase do licenciamento:

Depois de concluída a construção são

passados certificados pelos técnicos responsáveis pela execução das diversas artes de construção, que servirão de base para ser requisitada à camarária municipal e às entidades competentes a respectiva vistoria. Se tudo estiver em ordem, será passado um certificado de habitabilidade, chamado "Alvará de Licença de Utilização/Habitabilidade". Mas, se a construção não foi realizada de acordo com o projecto, nunca será possível obter o dito alvará, sem que antes seja repostado aquilo que estava projectado pelo autor do projecto e aprovado pela entidade competente. Há casos em que é exigida a demolição parcial ou total do que foi feito indevidamente para refazer a obra com correcção.

A fase da recepção da obra pelo dono:

Nesta fase temos a verificação da construção por parte do dono da obra, para que proceda à sua aceitação e ao respectivo pagamento pelo cumprimento da empreitada.

Também nestes casos temos conhecimento de alguns imprevistos: os donos da obra, por vezes, não aceitam a obra por ela não corresponder ao que tinha sido contratado, ou por ela não estar devidamente licenciada pelas entidades competentes, ou por qualquer outra anomalia. Mas, em circunstâncias normais, a obra é aceite e efectuada a correspondente contraprestação do pagamento, pelo cumprimento do contratado.

Conclusão:

Com esta breve descrição o leitor poderá ficar com algumas luzes do processo que impera em Portugal, em matéria de construções particulares.

Aplicação:

Mas, se o leitor for crente no Senhor Jesus Cristo, conhecer as Escrituras Sagradas e amar o Senhor ao ponto de querer servi-lo de acordo com a Sua Vontade, pode aprender algumas lições que serão úteis para a sua vida espiritual.

O Plano de Deus para o tempo presente é comparado a um edifício espiritual: uma casa que

Deus está a fazer para Seu uso pessoal. Este Plano tem normas rigorosas que têm de ser respeitadas, sob pena de ter de ser tudo demolido e pouco ou nada se aproveitar.

«E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade, o Dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento.» (I Coríntios 3:13-15)

E nesta empreitada o crente é comparado a um construtor:

«Ora, o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão, segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus. Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquitecto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele.» (Idem, 3:8-10).

Actualmente têm-se assistido ao surgimento de muitas edificações espirituais. As "igrejas" surgem como cogumelos... sem qualquer fundamento, orientação, disciplina, critérios, ideia bíblica. Simplesmente aparecem! Chamaremos a isso, construções clandestinas. À semelhança do que o Apóstolo Paulo refere aos Filipenses: "pregam por contenção...". Há sinais visíveis de que está a ser feita alguma coisa. No entanto, quando isso for testado, presumo que pouco ficará. Não me parece que o Senhor aceite determinadas construções, por muito bonitas que elas sejam, ou por muito bem intencionados que estejam os seus edificadores, caso eles não edifiquem de acordo com o modelo definido e determinado por Deus.

Pontos em consideração nesta analogia:

1. Deus é o Dono da Obra – I Cor. 3:9;
2. Deus é o Arquitecto – Hebreus 11:10;
3. Deus tem o Modelo – II Timóteo 1:13;

4. Este Modelo foi entregue ao Apóstolo Paulo para a Igreja – I Coríntios 3:10;
5. Deus acompanha e dá os materiais: dons – Romanos 12:1-8;
6. Deus fornece os obreiros – Efésios 4:10-16; Actos 20:28;
7. Os obreiros devem andar segundo o Modelo e conservá-lo – I Timóteo 1:13; Romanos 6:13;
8. Deus é que vai avaliar a construção – II Coríntios 5:10;
9. Deus vai galardoar ou rejeitar a construção – I Coríntios 3:11-4:5.

Muitos crentes, nesta empreitada espiritual, não estão a construir nada; outros estão a construir mal, ou seja, constroem sem respeitar o modelo de Deus. Muitos estão bem intencionados, esforçam-se imenso, mas a sua construção é uma construção sem qualquer utilidade para Deus. O seu fim é a reprovação e a conseqüente demolição. Outros, ainda, constroem à sua maneira, considerando, mesmo que inconscientemente, que o Modelo de Deus está antiquado, ou é inadequado para os dias que vivemos; outros, ainda, usam materiais e métodos de construção impróprios à natureza da obra, como seja, falta de reverência, falta de humildade, mansidão, obediência, amor, gozo, paz, temperança, e de outros materiais do Espírito Santo. Os materiais usados são da carne e empregues de acordo com a carne e com métodos carnis.

Nesta lavoura há, ainda, aqueles que estão dispostos em destruir a obra de Deus. O que fazem, fazem-no como para si mesmos, como se fossem donos da obra, agredindo e prejudicando tudo e todos. Os males que têm feito na obra são incalculáveis. Algumas formas de destruir a obra de Deus, e que prejudicam a sua consolidação e crescimento espiritual, é o pecado encoberto e tolerado: e infelizmente abundante nas igrejas locais; é o mundanismo, nas suas formas de modernismo, liberalismo e materialismo; é o demonismo, nas suas formas doutrinárias e intelectuais. A situação vem-se tornando caótica. Basta olhar sincera e cuidadosamente para o Modelo de Deus dado ao Apóstolo Paulo e compará-lo com as edificações espirituais que

assistimos nesta comunidade, as quais classificamos como edificações clandestinas. É o cristianismo paganizado, que impera na cristandade!

Aos tais Deus diz:

«Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.» (I Coríntios 3:16-17)

Concluimos com alguns exemplos e apelos:

Paulo não foi o único construtor. Noé foi o primeiro construtor vocacionado por Deus: A Arca, com o regulamento do "Governo Humano"; Moisés foi outro construtor de um outro edifício de Deus: O Tabernáculo, com o regulamento do legalismo; Davi e Salomão foram outros edificadores de uma casa para Deus: O Templo, com o regulamento do Messianismo.

Todos eles se acharam fieis no desempenho das suas funções.

O Modelo que Deus deu a Paulo não foi o mesmo, ou comparável, ao Modelo que Deus deu a Noé, a Moisés ou a Davi, no entanto, o comportamento que Deus espera dos seus despenseiros, no desempenho das suas funções, é o mesmo:

«Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel.» (I Coríntios 4:1-2).

Que regras estás a seguir? Que modelo de obra estás a respeitar? Em que fundamentos estás a construir? O que esperas da obra que estás a fazer?

A nossa oração:

«Para que sejas irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os seus santos.» (I Tessalonissenses 3:13).

" Nada Interessa "

A humanidade está doente
Ultrajada, ferida,
Enganada e descontente
Culpa Deus sem razão
Considera-se esquecida
Grande parte não lê o que a bíblia ensina
Outra lê o que ela não contém
Aquilo que é lícito no Senhor
Já não interessa a quase ninguém.
Por isso não é de admirar
Haver tanto ódio e incompreensão
Tudo é subjectivo, muito relativo,
O sonho não é ilusão
Pode-se ser aquilo que se quiser
O que a vontade desejar
Os psicólogos exterminaram o pecado
A mentira já não fere
Há um circulo vicioso muito fechado
E ai de quem não adere.
O que no mundo há não amemos
O seu brilho vai desaparecer
Tudo isto que agora conhecemos
Um dia vai perecer.
Estás no mundo mas não és de cá
O céu é a tua habitação
Não fora o amor de Deus exceder
O tamanho do seu coração
Não tinhas méritos para merecer
As maravilhas que te esperam lá.

In "Preciosidades da Fé", Oleiros

Às Nossas Irmãs...



Mulheres Mestras

«As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem, para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos,» (Tito 2: 3-4)

«E disse-lhe Noemi, sua sogra: Minha filha, não hei de eu buscar descanso, para que fiques bem? Ora, pois, não é Boaz, com cujas moças estiveste, de nossa parentela? Eis que esta noite padejará a cevada na eira. Lava-te, pois, e unge-te, e veste as tuas vestes, e desce à eira...

E ela lhe disse: Tudo quanto me disseres farei.»

(Rute 3: 1-5)

Noemí é o exemplo da mulher que é mestra no bem, ensinando as mais novas a ter o comportamento mais adequado nos diversos momentos como esposas, em particular nos mais

difíceis.

É verdade que hoje pode-se aprender muita coisa na sociedade. Os níveis de conhecimento têm aumentado nas moças mais novas, chegando mesmo ao conhecimento de determinadas coisas que seriam bem dispensáveis para as suas idades. No entanto, isso não é sinónimo de eficiência. Pelo contrário, o conhecimento que tem sido adquirido no mundo e que chega ao conhecimento da nossa juventude é mais maléfico que benéfico.

Mas este conhecimento dado pela Noemí – as mestras no bem – é um conhecimento diferente: é aquele conhecimento que o Senhor ensina nas experiências de cada esposa. E, para isso, é preciso passar pelas mesmas experiências, ter o mesmo espírito de sujeição e aprendizagem, e estar disposta a aprender. É o conhecimento que a vida nos dá, dirá o leitor. Mas eu prefiro dizer que é o conhecimento que o Senhor dá

pela vida, já que muitas não têm aprendido nada pelas suas experiências na vida.

Este conhecimento não é o conhecimento que é administrado do púlpito, embora algumas mulheres o pretendam fazer de lá, descorando o lado correcto deste ensino. Este ensino é administrado como Noemí o fez: em casa, em particular, e com o exemplo.

Não é por acaso que o livro que fala da história de Noemi, e não obstante levar o nome de Rute, começa e acaba com Noemi.

Na generalidade, as mulheres cristãs têm perdido completamente a sua vocação. Muitas se têm distraído com tarefas e responsabilidades que não são nada condizentes com a vontade de Deus para as suas vidas. Normalmente, essas, reclamam para si dons que o Espírito Santo só concede ao varão, representante de Cristo nas igrejas locais. Exemplos disso: Recentemente recebi um e-mail de uma certa "bispa X"; noutra ocasião, veio à nossa comunhão uma determinada "crente" que se assumia como a "obreira Y"; Assisti, em determinada congregação, que

ia ocorrer uma campanha especial com uma "profetiza W". São informações de eventos que frequentemente recebemos como igreja, e que são exemplo de casos de mulheres que presumimos ser crentes, mas que estão fora da vocação divina para elas. E, encontram-se assim porquê? Ou são ignorantes da verdade ou deliberadamente não a querem aceitar, e são rebeldes diante de Deus!

Graças a Deus pelas mulheres que temos nas nossas igrejas. Poderíamos contar um bom número daquelas que são verdadeiras mestras. A nossa oração e o nosso apelo é para que não descorem o grande e importante trabalho que só elas podem fazer. É o *ensino da experiência* que não é ministrado do púlpito nem nenhum pregador pode ou sabe fazer: ensinando e ajudando as mais novas na forma de se comportarem, as recém casadas no relacionamento com o seu marido, as lidas da casa, a educação dos filhos, etc. Houvesse mais este hábito e muitos lares não passariam as crises que têm passado, à semelhança do que é normal no mundo!

OS DEUSES ESTRANHOS DA CIÊNCIA MODERNA

Adauto J. B. Lourenço
Julho de 2003

"Porque os atributos invisíveis de Deus, assim como o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem do homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis." (Romanos 1:20-23).

Certa vez fui confrontado por um professor de filosofia de uma universidade. Eu havia acabado de dar uma palestra sobre o criacionismo e, para aquele homem brilhante e tão cheio do conhecimento do presente século, era inadmissível que alguém pudesse ser um cientista sério e honesto e crer em uma "ideia tão desprovida de embasamento científico como a da existência de Deus".

Ele foi directo ao ponto. "O senhor não tem como provar a existência de Deus. Vá a um laboratório e prove que Deus existe!", disse ele.

"O senhor tem toda a razão", respondi ao professor. Depois de uma breve pausa, continuei: "Mas o senhor também não tem como ir a um laboratório e provar que Deus não existe. Tudo é uma questão de crer. Eu creio que Deus existe, e o senhor crê que Ele não existe".

Naquele momento, havia sido estabelecida

uma base comum para um diálogo. A confrontação havia sido reduzida a um denominador comum: nós dois éramos "crentes" – eu, crendo que Deus existe; e ele, crendo que Deus não existe. Nós dois críamos e, baseados nas nossas "crenças", havíamos construído, cada um, uma cosmovisão diferente. Agora não se tratava mais de uma discussão sobre a origem de todas as coisas, simplesmente, e sim do motivo pelo qual cada um de nós havia optado por crer ou não na existência de Deus.

Esta e muitas outras experiências semelhantes têm me levado a considerar a realidade espiritual e científica que vivemos neste início de milénio. Somos ensinados (para não dizer doutrinados) por uma ciência e por um conhecimento científico que nega a existência de Deus! No entanto, na sua base, o ensino científico actual não passa de uma crença. A inexistência de Deus não pode ser provada pela ciência: temos de crer que Deus não existe!

Muitos de nós, homens envolvidos com a ciência e que crêem no Deus da Bíblia, temos visto um número cada vez maior de pessoas que professam o cristianismo e que, sem ao menos reflectir sobre o posicionamento ateu da ciência, se prostram e adoram os estranhos deuses que a ciência tem produzido. Tais pessoas não consideram que a proposta da criação do mundo por um Deus pessoal e transcendente é perfeitamente científica, válida e relevante.

OS DEUSES DO ABSURDO E O DEUS RACIONAL

Os primeiros onze capítulos do livro de Génesis têm sido tratados como um conto mitológico e não como história. O primeiro capítulo,

principalmente, tem sido ridicularizado por conter uma linguagem considerada por muitos como simplista, pela maneira como é relatada a sequência de eventos sobrenaturais de Deus, através dos quais o universo veio a existir. O que se diz é que qualquer proposição científica, por mais simples que seja, ofereceria uma explicação mais racional sobre a origem do mundo.

Portanto, gostaria que comparássemos não a proposição científica mais simples, e sim a mais complexa já apresentada até o momento sobre a origem do tempo, do espaço, da energia, da matéria,... do universo, a teoria do *big bang*. Começaríamos procurando o que seria a resposta a esta primeira pergunta: **teria Deus criado todas as coisas do nada (teoria da criação *ex-nihilo*), ou todo o universo teria surgido de uma explosão espontânea de um "ovo cósmico" que não passava do tamanho de uma bola de ténis (teoria do *big bang*)?**

Uma segunda pergunta (conforme a ideia científica presente) serviria para validar o questionamento da existência do Criador e do relato de Génesis. Esta pergunta serviria para comparar o relato de Génesis 1 com a evidência científica: **teria Deus criado primeiro a luz (dia um) para depois (dia quatro) criar os corpos celestes como o Sol, a Lua, as estrelas, as galáxias...?**

No que diz respeito à segunda pergunta, a ciência afirma categoricamente que a ordem está correcta.

Primeiro veio a luz (energia) depois os corpos celestes (matéria). Caso a Bíblia não concordasse neste ponto com a ciência, muitos simplesmente descartariam a teoria do criacionismo, sem ao menos considerar que a ciência já esteve errada inúmeras vezes (até mesmo neste caso da luz ter aparecido antes dos corpos celestes).

Mas, e quanto à primeira pergunta? Teria a ciência conseguido provar uma sequência de eventos "naturais" e "espontâneos" que teriam produzido o universo que hoje vemos? A resposta é negativa. As

leis da física que conhecemos hoje não se aplicam ao modelo do *big bang* quanto ao início do universo. E se as mesmas pudessem ser aplicadas, a ciência não sabe quais seriam as condições iniciais para que essas leis produzissem o universo que hoje conhecemos. E, então, perguntamos: "Quais leis regiam esses eventos cruciais do aparecimento do universo ou quais eram as condições iniciais?" A única resposta que obtemos é: "São leis e condições iniciais ainda desconhecidas". Mas, se elas são desconhecidas, como aceitá-las? Outra vez a única resposta que obtemos é: crer no que os cientistas estão propondo. Mas crer não é um elemento "religioso"? Sem dúvida. Todos concordamos que crença e fé são elementos religiosos.

Como podem, então, as duas teorias, a teoria da criação *ex-nihilo* e a teoria do *big bang*, serem tratadas tão tendenciosamente, a tal ponto que a primeira é considerada religião e a segunda, ciência, quando as duas possuem um mesmo elemento de base: **aceitar factos que não podem ser explicados ou demonstrados cientificamente?** Em outras palavras, as duas teorias exigem fé!

Neste ponto, a ciência moderna nos apresenta os deuses do absurdo, onde homens mortais, com conhecimento limitado, procuram fazer adeptos às suas crenças. Tomando o conhecimento que possuem das ciências como validação de uma pseudo autoridade, tais homens procuram remover qualquer traço da necessidade de um Criador que tenha por sua vontade e decreto criado o universo. Aceita-se o absurdo em vez do lógico. E isto é feito apelando para aquilo que eles mesmos condenam: a fé.

Seja observado que muito se tem falado sobre a ciência ser racional, ser lógica. E é verdade. A proposição da existência de um Deus criador do universo é perfeitamente racional, lógica, relevante e também científica. Por que não inclui-la, então, no pensamento científico actual?

Por outro lado, voltando ao *big bang* e ao "ovo cósmico", apenas como um exercício intelectual, pense na seguinte proposição: coloque

tudo o que existe na sua casa dentro de uma bola de ténis... Coloque tudo o que existe no planeta Terra, incluindo o próprio planeta, dentro da mesma bola de ténis... Coloque o sistema solar inteiro, com o sol e todos os planetas e luas, dentro da mesma bola de ténis... Coloque os, aproximadamente, duzentos biliões de estrelas da nossa galáxia dentro da mesma bola de ténis... Coloque os dez biliões de galáxias visíveis, com as suas triliões de triliões de triliões de estrelas dentro da mesma bola de ténis! Perfeitamente racional e lógico? É exactamente isto que nos é passado através da teoria do *big bang* e dos biliões de anos de existência do universo. Aceitamos os deuses do absurdo em lugar do Criador.

Pensemos um pouco mais nas propostas da teoria do *big bang*.

O que havia antes do *big bang*? Qual evento ou o que desencadeou a explosão (chamada de "big bang") do "ovo cósmico"? (Causa e efeito precisam fazer parte deste processo. Se explodiu, algo explodiu; e, se houve uma explosão, alguma coisa a iniciou.)

Será que o universo presente não faz parte de uma sucessão cíclica de eventos (teoria dos universos oscilatórios), *big bang* – início, *big crunch* – final, *big bang* – início, *big crunch* – final, e assim por diante? Como saber se estes outros ciclos existiram, sendo que os mesmos não deixam nenhuma evidência da sua existência para o ciclo seguinte (segundo os criadores desta teoria)?

Os cientistas não conhecem as respostas para estas e outras perguntas. Elas não se encontram no campo científico, nem no campo filosófico, e sim no campo da fé.

Assim, os deuses do absurdo continuam sendo criados pelas mentes brilhantes... Deuses esses que não criaram os céus e a terra, pois não possuem poder para fazê-lo (Jeremias 10.1-16).

Contudo, temos no primeiro capítulo das Escrituras não somente o relato de como o universo

chegou a existência, mas também da "metodologia de processo" utilizada pelo Criador. Diferente da proposta de "ovo cósmico" do big bang, este capítulo trata de uma criação planejada e organizada pela mente brilhante de Deus. Dias um, dois e três foram dias de criação preparatória. Dias quatro, cinco e seis foram dias de criação para preenchimento. Por exemplo. No dia dois, Deus fez separação das águas, criando o firmamento. No dia cinco, Deus criou as aves para o firmamento que Ele havia criado no dia dois, bem como os enxames de seres viventes para povoar as águas separadas, também no dia dois.

Através da sucessão de eventos da criação, Deus também mostrou a utilização de um "controle de qualidade" aplicado ao seu processo de criação. Uma avaliação foi feita no final de cada passo do processo (cada dia foi avaliado... "e viu Deus que era bom"; observe que apenas o dia dois não recebeu avaliação individual). Outra avaliação foi feita no final do processo todo (Génesis 1.31).

Ordem, propósito, avaliação, capacidade e planeamento: tudo está dentro da teoria criacionista.

Quero mais uma vez deixar bem claro que a origem do universo, quer seja explicada pela teoria da criação, quer seja pela do *big bang*, sempre será tratada como um evento sobrenatural. A própria Bíblia menciona esta característica em Hebreus 11.3. A questão não é se as duas teorias são científicas: elas são! Mas sim o por quê alguém aceita o *big bang* e rejeita o criacionismo. Em termos científicos, por que alguém acredita na cosmologias que abraçou? Em termos teológicos, por que alguém acredita nos deuses do absurdo e não no Deus da Bíblia?

OS DEUSES IMPESSOAIS E O DEUS PESSOAL

(Continua no próximo n.º, querendo o Senhor)

O Grande Mistério...

**“Grande é este mistério;
digo-o, porém, a respeito de
Cristo e da Igreja...”
(Efésios 5:32)**

A Vocação Eterna da Igreja “Corpo de Cristo”

«Lembrando-me de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação, tendo iluminado os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação» (Efésios 1:16-18)

Um dos temas mais extraordinários que encontramos na revelação de Deus acerca da Igreja “Corpo de Cristo” é a vocação eterna que Deus tem para ela, em Cristo glorificado.

A generalidade dos crentes não sabe qual é a vocação eterna da Igreja. Sabe que vai para o céu, mas não sabe o que o espera na glória. Alguns ensinadores chegam mesmo a dizer que não há qualquer revelação acerca desta matéria. Mas, a verdade é que somos exortados a saber qual seja a “esperança da sua vocação”, e, se assim é, é porque alguma coisa está revelada.

É certo que aquilo que espera a Igreja “Corpo de Cristo” é algo que nos transcende. Acerca disso diz o Apóstolo Paulo que, na glória,

ouviu palavras indescritíveis (quanto à matéria) e que o homem não é digno de ouvir (quanto à sua importância) – II Coríntios 12:4. E diz, ainda, aos mesmos crentes:

«Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus.» (I, 2:9-10).

Repito: Deus, no-las revelou! Então, se bem que sejam coisas transcendentais para a mente natural, o certo é que alguma coisa está revelada. Pode não ser muito, mas é o suficiente para entendermos qual o conteúdo da esperança da vocação da Igreja “Corpo de Cristo”.

«O mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos; aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória.» (Colossenses 1:26-27)

E, é tão suficiente que levou o Apóstolo Paulo a dizer: “morrer é ganho...”; “partir e estar com Cristo é muito melhor” (Filipenses 1:21 e 23); e: «Mas temos confiança e desejamos, antes, deixar este corpo, para habitar com o Senhor.» (II Coríntios 5:8).

Outras palavras que podemos aplicar aqui, se bem que tenham sido ditas noutro contexto, são as Palavras do Senhor Jesus Cristo a Nicodemos:

«Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como creereis, se vos falar das celestiais?» (João 1:12).

Este propósito é a realização das “riquezas incompreensíveis de Cristo”, no seu Corpo, que é a Igreja:

«A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo»;

«Para que saibais... quais as riquezas da glória da sua herança nos santos...»

«Para mostrar nos séculos vindouros quais as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus.» (Efésios 3:8; 1:18; 2:7).

Numa outra ocasião o Apóstolo Paulo refere-se a esta vocação assim:

«Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada.» (Romanos 8:18)

Então, qual é a vocação eterna da Igreja?

Antes de entrarmos nos pormenores deste assunto, convém ainda referir que devemos estar conscientes da vocação, não por uma questão intelectual, mas para sabermos qual o modelo de vida que deve pautar o nosso andar neste mundo. Podemos cair no risco de chegar a este conhecimento e ficarmos indiferentes em relação aos seus efeitos práticos sobre as nossas vidas. Por esse facto é que o Apóstolo dos Gentios diz:

«Aos quais (santos) Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória; a quem anunciamos, admoestando a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria; para que

apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo.» (Colossenses 1:26-27).

Por isso, diz ele:

«Andai segundo a vocação com que fostes chamados” (Efésios 4:1 e seguintes).

É que, este conhecimento altera radicalmente toda a forma de vida do crente, seja pelo poder que Deus demonstra neste propósito, seja na atitude do crente em relação a si mesmo, em relação a Deus, ao mundo e aos demais crentes. É um conhecimento imprescindível para todo o crente que quer andar segundo o Plano que Deus tem para a presente dispensação da graça.

A Vocação da Igreja

A palavra vocação, em si, significa chamada. No entanto, na linguagem do Apóstolo Paulo, vocação significa o propósito para o que fomos chamados.

A vocação da Igreja tem a ver com o plano, com o propósito, com a identidade, com a posição, com a forma, com a natureza, com o carácter, com a imagem, com os privilégios, com o ministério, com o poder que Deus tem reservado para a Igreja “Corpo de Cristo”. E, nessa revelação o Propósito de Deus cumpre-se em Cristo glorificado nos lugares celestiais, acima de toda a criação, onde Ele se encontra:

«E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas a

seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.» (Efésios 1:19-23)

«Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.» (Filipenses 1:9-11)

Deus está a realizar este propósito na glória, em Cristo. De forma que, toda a alma que ouve a Palavra da Verdade, o Evangelho da Salvação, se arrepende dos seus pecados, e confessa ao Senhor Jesus Cristo como seu único salvador, o Espírito Santo a baptiza em Cristo, nos lugares celestiais, glorificando-a e abençoando-a, ali, em Cristo, com todas as bênçãos espirituais, e identificando-a com todos os direitos e privilégios que são do Senhor Jesus Cristo:

«... Cristo, em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa;»

«E nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus;»

«Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo...»

(Efésios 1:13, 3; 2:6)

A Esperança da Igreja

Esta é a esperança da Igreja “Corpo de Cristo” e não outra, porque é aquilo que Deus

tem reservado para ela em Cristo, nos lugares celestiais.

As palavras usadas pelo Apóstolo Paulo quando se refere a esta esperança são o verbo “*Elpis*” (usado 54 vezes no NT, sendo usada cerca 70 % pelo Apóstolo Paulo) e o substantivo “*Elpizo*” (usada 31 vezes no NT, sendo usada cerca de 61% pelo Apóstolo Paulo) e significa algo antecipado. É uma expectativa convicta, certa em absoluto do seu cumprimento. Na Palavra de Deus este propósito é revelado como algo que já está realizado e consumado:

«Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogénito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.» (Romanos 8:29-30)

O crente, por essa razão, deve viver como lá se encontrasse, pensando nas coisas que são de cima, buscando as coisas que são de cima e vivendo segundo as coisas que são de cima (Colossenses 3:1-3), consciente de que, num breve lapso de tempo, entrará no gozo pleno deste propósito.

Na nossa linguagem corrente usamos a palavra esperança mais no sentido de possibilidade ou de probabilidade. No entanto, nunca na Escritura Sagrada a esperança cristã tem essa conotação. É, antes, “ausente do corpo, presente com o Senhor” (II Coríntios 5); é: “partir e estar com Cristo” (Filipenses 1); e: vivendo ausentes, mas como se estivesse presente do Senhor!

Porquê o crente pode falar desta maneira?

(1) Porque este propósito assenta numa Promessa Eterna de Deus (Tito 1:1-3); ou seja, é um propósito que é realizado e consumado segundo a Palavra de Deus e não nos méritos humanos; Por isso é que este propósito é cumprido na base da graça de Deus e não em qualquer concerto ou aliança de Deus com o homem, mas na Aliança de Deus com Ele mesmo, o “concerto eterno (Efésios 1:11; 3:11);

(2) Porque este propósito assenta na obra do Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário, de forma que, pelo sangue do Senhor nós temos acesso a esta graça (Efésios 2:13-22);

(3) Porque este propósito assenta na Obra do Espírito Santo, quanto à sua concretização e segurança (Efésios 1:13-14; 2:18-22; 3:16-23; 4:30; 5:18-20).

E qual é o objectivo final deste propósito?

O propósito de Deus na vocação da igreja é o Seu louvor e Glória, pela exaltação dos Seus mais belos e sublimes atributos, demonstrados na realização deste Plano, como seja, a sua misericórdia, o seu amor, a sua graça, a sua longanimidade, a sua benignidade, a sua paz, a sua sabedoria, entre todas as demais referidas na revelação da Graça de Deus.

«Segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado.»

«Segundo o conselho da sua vontade, com o fim de sermos para louvor da sua glória...»

«Para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória.»

(Efésios 1:6, 12, 14).

A Vocação Eterna da Igreja

I. A Identidade da Igreja

A Vocação da Igreja é realizada pela sua identificação com Cristo. Neste sentido, quando falamos no Senhor Jesus Cristo, falamos d’ Ele como homem ressuscitado, transformado e glorificado, porque, é em Cristo como homem glorificado que “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Colossenses 2:9), e, assim, estamos perfeitos n’ Ele (verso 10).

Este propósito foi concebido no “conselho eterno da vontade de Deus” (Efésios 1:11), entre o Pai, Filho e Espírito Santo, sendo ele concretizado em Cristo (Idem, 3:11). De forma que, sem Cristo não existe nada.

Nesta concepção foi escrita a Epístola aos Efésios, onde ocorre a preposição “em” e a conjunção “n’ Ele” cerca de 90 vezes, para sabermos que todo o propósito de Deus só existe e se realiza em Cristo, por Cristo e para Cristo.

Também é nesta orientação que o Espírito Santo trabalha, na realização deste propósito: convence as almas dos seus pecados e aquelas que salva baptiza-as em Cristo, nos lugares celestiais, formando um corpo em Cristo e com Cristo (I Coríntios 12:12-13; Efésios 4:12-16; Romanos 12:5).

Tudo o mais que poderemos considerar acerca da Vocação da Igreja depende desta rubrica e deste facto: estarmos em Cristo.

«A vossa vida está escondida com Cristo em Deus.» (Colossenses 3:3)

O facto de Cristo ser o Cabeça da Igreja reproduz a imagem de um corpo espiritual, concebido por Deus à sua imagem (Colossenses 3:10), e faz com que a identidade do corpo seja a mesma da Sua Pessoa: "Cristo", e, por conseguinte, o corpo passa a ser identificado pelo seu nome. Por essa razão é que, muitas das vezes em que é referido o nome de "Cristo", não se refere propriamente à pessoa do Senhor Jesus Cristo, mas a este corpo espiritual – a Igreja – em que o Senhor é o Cabeça. (Efésios 1:22; 4:15; Colossenses 1:18; 2:19).

«Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos baptizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.» (I Coríntios 12:12-13; ver verso 27);

«Pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo» (Efésios 3:4);

«Até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo.» Idem, 4:13);

«Para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em caridade e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus — Cristo.» (Colossenses 2:5

Nestes textos, "Cristo" refere-se ao "Corpo de Cristo", em que a Pessoa do Senhor Jesus Cristo é a cabeça. De forma que, o "corpo" leva o nome da sua Cabeça: Cristo. Isto é identificação

total e plena da Igreja ao Senhor Jesus Cristo, e vice-versa.

II. A Posição da Igreja

O domicílio eterno da igreja "Corpo de Cristo" é nos lugares celestiais (e não na terra), precisamente onde Cristo está, assentado no Trono de Deus, à direita do Pai.

«E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas a seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.» (Efésios 1:19-23).

Segundo este texto, a maior demonstração do poder de Deus foi manifestada na ressurreição e glorificação do Senhor Jesus Cristo, como homem, ao colocá-lo acima de todo o principado e autoridade existente na criação de Deus, e, acima de tudo, ao constitui-lo como Cabeça da Igreja. Sendo a posição da Igreja considerado como o último nível da hierarquia na criação de Deus, faz subentender que a Igreja já se encontra no Trono de Deus, em Cristo, à destra de Deus, sendo o Senhor a sua Cabeça.

Sendo assim, a revelação do Mistério de Cristo ensina-nos que a Igreja em Cristo está acima de todo o principado, poder e autoridade na criação de Deus, inclusivamente todas as

hierarquias de anjos, todos os crentes de outras dispensações – nomeadamente os crentes que esperam o Reino Messiânico, todas as criaturas e toda a natureza feita por Deus.

«Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.» (Colossenses 3:1-3)

Quando a Escritura fala dos “lugares celestiais” não se refere a um simples lugar no céu, ou a um lugar interessante no terceiro céu, no céu dos céus, ou no Paraíso; “lugares celestiais” significa “estar acima de todos esses níveis de céus”; significa “estar acima de todos os celestiais”. A expressão empregue por Paulo “*en tois epouraniois*” significa exactamente “sobre os celestiais”; “em” no sentido de “por cima” dos celestiais. E, todas as referências feitas à posição do Senhor Jesus Cristo e à Igreja n’ Ele indicam e confirmam isso mesmo. De forma que, a posição da Igreja em Cristo é o privilégio mais sublime que uma criatura poderia imaginar, e mais ainda quando é destinado a pobres criaturas como o ser humano, e, muito mais ainda, quando o contemplado com este privilégio é um ser humano caído e retirado do lamaçal do pecado. Pensar na posição extraordinária da Igreja em Cristo é pensar nas “palavras inefáveis que o homem não é digno de ouvir” (II Coríntios 12:4), ou incapaz de imaginar (I Coríntios 2:9-10), mas é o que Deus tem realizado para ela.

Mas, poderão questionar alguns crentes mais apercebidos das revelações de Deus: A escritura

fala de outros crentes na glória. Apocalipse 7 fala de uma grande multidão no céu:

«Depois destas coisas, olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos... E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro.» (vers. 9 e 14)

E, a grande diferença destes crentes da grande tribulação e a Igreja “Corpo de Cristo” é que eles estão “diante do Trono” e a Igreja está em Cristo, “sobre o Trono” do Pai, nos lugares celestiais. Aqueles crentes têm a promessa de que, se vencerem, assentar-se-ão no Trono do Reino que será estabelecido na Terra, como o Senhor disse:

Em termos de Programa e Propósito o Espírito Santo faz distinção entre os Tronos do Pai e do Senhor Jesus Cristo, como Messias:

«Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.» (Apocalipse 3:21)

Além disso, em termos de esperança e vocação, os crentes messiânicos, desde Abel até ao último que for salvo na grande tribulação – à excepção dos santos que pertencem à Igreja “Corpo de Cristo” – é bem diferente da esperança e da vocação da Igreja “Corpo de Cristo”. Aqueles se assentarão no Reino, à mesa do Messias, no Reino milenial:

«Quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no Reino de Deus e vós, lançados fora. E virão do Oriente, e do Ocidente, e do Norte, e do Sul e assentar-se-ão à mesa no Reino de Deus.» (Lucas 13:28-29).

Outros – os doze Apóstolos – se assentarão em tronos, julgando as doze tribos de Israel:

«E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.» (Mateus 19:28; Lucas 22:30; Apocalipse 20:4);

Outros, ainda, se assentarão em 24 tronos, no céu, com um ministério específico:

«E ao redor do Trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestes brancas; e tinham sobre a cabeça coroas de ouro.» (Apocalipse 4:4).

Mas, a Igreja “Corpo de Cristo” está no céu dos céus, no Paraíso, no Trono de Deus, em Cristo, à destra de Deus.

Parece algo inconcebível. É sublime de mais para ser verdade, dirá o homem natural. É extraordinariamente impensável, dirão tantos outros. Mas assim aconteceu segundo as “riquezas da Graça de Deus” e para “louvor da Graça de Deus”. E tanto mais é exaltado o Senhor porque o fez por seu próprio critério e soberania, não por mérito algum do ser humano. Faz parte da “soberana vocação de Deus” (Filipenses 3:14). E, quando pensamos que, em tempos idos, um querubim da glória, chamado

Lúcifer, pretendeu este lugar pelo mérito e pela força, presumindo que era o ser mais belo e merecedor daquele lugar, o facto é que o Senhor veio a concedê-lo a seres humanos, pobres, fracos, pecadores e inimigos, mas arrependidos, lavados e preparados pela graça de Deus para aquele lugar...

Como isto nos deve humilhar. Como isto deve despertar em nós toda a adoração, e louvor e acção de graças. Glória, glória, glória a Deus pela sua mui grande e sublime graça e benignidade. Glória, glória, glória. Aleluia, aleluia, aleluia. Amém, amém, amém.

Continua, querendo o Senhor.

© **Copyrights:** Não há. Os artigos não assinados são da autoria da redacção (E). Reprodução é permitida; Recomendamos que seja citada a fonte.

Todos os artigos são da responsabilidade da “Igreja” que se reúne em Oleiros.

Propriedade:

Igreja em Oleiros
Rua do Fial, n.º 101
4535 Oleiros SMF

Redactor:

Vítor Pereira do Paço
«vitor.paco@mail.telepac.pt»
Correspondência a enviar para:

“Eclesi' Astes”

Apartado 135

4501 Anta ESPINHO Codex

Local na Internet:

<http://www.eclesiastes.pt>

Net-endereço:

eclesiastes@eclesiastes.pt